

COMO NOS RELACIONAR COM NOSSAS CIRCUNSTÂNCIAS?

Jorge Vulibrun ¹



Muito bem, estou no mundo. É dizer, sou um processo complexo que me relaciono com a miríade de processos que me rodeiam. Então, como devo agir e como fundamentar essa ação? Como lidar com aquele processo que se destaca das minhas circunstâncias e perante o qual sinto que devo me posicionar?

Pretendemos contrastar aqui as atitudes padrões ocidentais e chinesa, sem significar com isso que se refiram a condutas seguidas obrigatoriamente por todos os membros de cada uma dessas culturas. Elas são, mais bem, duas soluções alternativas, dois posicionamentos filosóficos, resultado de séculos de desenvolvimento independente. O objetivo pretendido é o de aprender com o *outro*, de nos tirar da comodidade daquilo que é *meu* e sua tendência a se converter numa resposta automática que, muitas vezes, não resulta adequada ao momento. ²

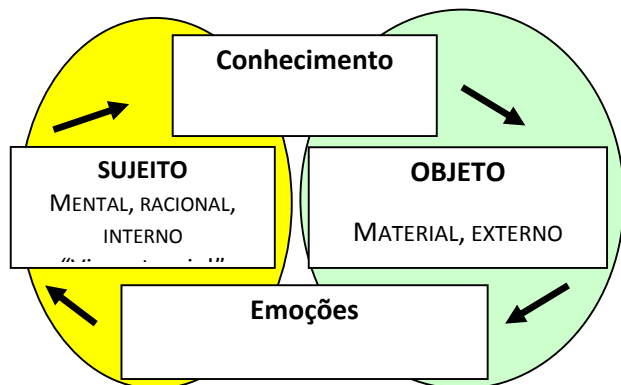
A solução ocidental nos é bem conhecida: devemos olhar, estudar, pensar, ponderar ou analisar essas circunstâncias para escolher a estratégia mais conveniente para nos relacionar com elas. Para isso partimos de uma base para nós óbvia: somos ‘sujeitos’ que observamos ‘objetos’ dos quais estamos separados de forma fundamental e definitiva, até porque nos ensinaram que o *logos* foi algo que precedeu à Criação. Dissociamos assim um mundo ‘espiritual, mental, racional’, caracterizado pelo discurso, de um mundo ‘material’, caracterizado pela ação e os

¹ Este trabalho inclui trechos do livro do autor: “Yi JIng (I Ching) O Livro Das Mudanças; O que é, para que serve e como se usa este livro milenar”, que pode ser encontrado em www.yijingorienta.com.br/.

² Devemos destacar que a China, a partir do último quarto do século XX, adotou essa atitude de abertura e aceitou aprender do Ocidente, convertendo-se numa potência industrial que fornece produtos ao mundo todo, lança astronautas ao espaço e constrói uma infraestrutura tecnológica que tem aumentado o nível de vida da sua população.

objetos, e denominamos ‘conhecimento’ àquilo que estabelece uma ponte entre eles. Desta forma, definimos ‘conhecer’ como ‘saber sobre algo’ e confundimos sabedoria com acúmulo de informações. Como consequência, valorizamos a teoria e desdenhamos a prática, já que a primeira trata daquilo que consideramos mais nobre, porque antecedeu ao mundo manifesto, enquanto a segunda nada mais é do que mexer com o mundo dos objetos, ficando contaminada por eles.

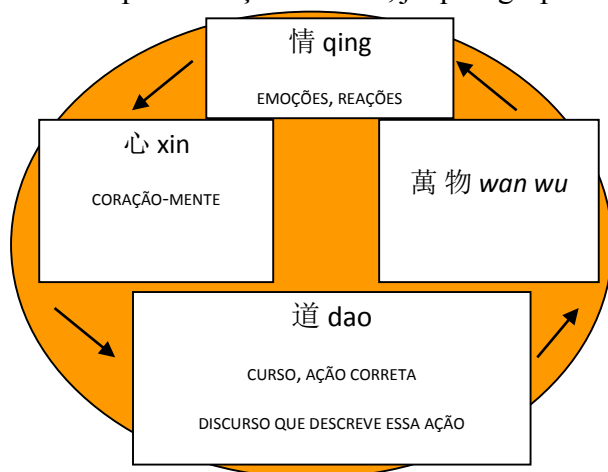
Para complicar mais as coisas, temos também que lidar com a emoção, uma



espécie de prima pobre da razão porque, apesar de ‘mental’, é originada pela interação com o mundo dos objetos e, por esse motivo, de menor valor. Isso nos leva a valorizar o intelecto e desprezar os sentidos, a preferir o racional quando comparado com o emocional. Em resumo, o homem é visto como dividido em dois e, portanto, um pouco esquizoide,

já que separamos o pensamento da ação, criando um conflito permanente para integrar esses dois aspectos da nossa vida: a pureza do pensar com o desprezo pelas paixões e a prática. O discurso, que antecede à ação, como o pensamento de Deus antecedeu à sua ação criadora, é considerado como uma recomendação das ações a serem efetuadas, só que, ancorado como está no campo do mental, não tem eficiência garantida para guiar nossas condutas, afetadas tanto pela ação do emocional quanto pelo material.

Essa dicotomia não existe na filosofia chinesa (seja ela taoísta, confuciana ou budista) porque esta considera que ‘pensar’ e ‘sentir’ são partes de um mesmo processo total e acontecem num único órgão do homem, o 心 *xin*, que só pode ser traduzido por “coração-mente”, já que agrupa o que para nós está separado de forma



intrínseca. O processo ‘eu’ interage com os outros processos que constituem o todo e seu coração-mente reage às 情 *qing*, emoções, que nada mais são do que o resultado dessa interação e, portanto, capazes de carregar valiosas informações sobre aqueles outros processos. A palavra 情 *qing* é normalmente traduzida como “Sentimentos, emoções, aquilo que uma pessoa sente; coração,

natureza humana, disposição; circunstâncias, a verdade dos fatos; verdade, sinceridade”. Zhuangzi, taoísta, apresenta *qing* como sendo nossa resposta interior às circunstâncias que nos rodeiam: a emoção interna que nos movimenta (e-moção)

e que aparece como reação a uma ação externa.³ Obviamente, esse mecanismo não é específico dos chineses já que trata-se de algo que todos os humanos compartilhamos, no Ocidente Pascal o disse no seu “Pensamentos”: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

Assim, o sábio observa suas emoções, deduz a partir delas algumas das características dos fenômenos com os quais está se relacionando e, considerando suas tendências pessoais, define o discurso que vai guiar sua ação. Esse discurso, que não pode ser separado da ação empreendida, constitui seu 道 *dào* (tao) pessoal e terá sucesso ou será considerado moralmente válido se tende a harmonizar-se com o discurso que descreve o funcionamento do processo total (que abrange o sábio e suas circunstâncias), o *Dào* (Tao. O ‘D’ maiúsculo só diferencia os dois níveis de discurso, mas não estabelece uma diferença fundamental entre eles, pois os dois se referem a processos de maior ou menor complexidade).

A ação, resultado da interação entre o homem e suas circunstâncias, é o fato fundamental, já que o discurso é meramente descritivo. Noutras palavras, o discurso que guia a conduta não pode ser separado da ação concreta que implementa essa conduta, donde sabedoria é equivalente a ‘saber fazer’ ou “saber lidar com”. Dessa forma, é peculiar do pensamento chinês que esse saber fazer não deve ser atrapalhado pelo racional, ou seja, não deve ser pensado, deve ser intuitivo. O ideal de sabedoria aproxima-se muito mais a um saber amarrar eficientemente os cadarços dos sapatos do que a formular uma teoria sobre o andamento do Universo. Assim, o sábio chinês se integra com os processos com os quais tem que interagir, em lugar de distanciar-se para observá-los friamente como faria um ocidental. Obviamente, não pode haver ‘objetividade’ numa visão de mundo onde tudo se relaciona com tudo e tudo afeta o todo, formando uma continuidade.

Essa prioridade da ação com relação ao discurso não é exclusiva dos sábios chineses: um músico, executando seu instrumento, não pensa no que está fazendo, deixa-se levar pelas suas emoções e intuições; um trapezista não pensa no que está fazendo, deixa-se levar pelo automatismo de anos de prática; mas todos eles executam à perfeição suas atividades, além de, secundariamente e caso necessário, serem capazes de produzir discursos sofisticadíssimos sobre suas ações. Goethe nos disse:

“Como podemos nos conhecer a nós mesmos? Nunca através da contemplação, mas através da ação. Tenta cumprir com teu dever e imediatamente saberás que é o que há em ti. Mas, qual é teu dever? As exigências de cada dia.” (Citado por Yolanda Ruano, in Salas, 2005, pág.62.)

Mas, quando é o momento certo para agir? A filosofia chinesa apresenta o conceito de 精 *jīng*, *semente de mudança*, que representa o momento no qual um processo em mutação começa a manifestar, de forma visível, essa transformação. O conhecido símbolo do yin e yang explicita a existência das sementes em todos os processos:

³ Vide o texto “A mente como instrumento” neste mesmo site www.yijingorienta.com.br/



Quando tudo está ótimo e claro,
a escuridão e o deterioro começam
a aparecer

Quando tudo está preto e asfixiante,
a luz e o positivo começam a
aparecer

Com relação às sementes, o capítulo LXIV do Dao De Jing diz:

Certamente o que está em repouso é fácil de controlar, o que ainda não dá sinal é fácil de planejar, o quebradiço é fácil de desmanchar e o microscópico é fácil de dispersar.

Ou seja, é melhor agir no ainda não manifesto e controlar o ainda não bagunçado, porque árvore de tronco grosso nasce de uma raiz capilar, torre de nove andares se levanta com terra acumulada e jornada de dez mil léguas começa embaixo dos pés.

Aquele que age estraga, aquele que aferra perde. Por isso o homem santo não age e nada estraga, não aferra e nada perde. As massas, no entanto, acompanham os assuntos de forma constante até quase completados e assim os estragam.

Cuidar do final como se fez do começo geralmente não estraga os assuntos.

Consideremos o seguinte exemplo. Estou desarmado no topo de uma colina e uma horda de inimigos começa a avançar na minha direção. Olho em torno e só vejo uma grande pedra de forma aproximadamente esférica e ocorre-me fazê-la rodar sobre eles. É evidente que só posso influir na direção na qual a pedra vai se deslocar na hora de dar o empurrão inicial, quando ela ainda está em repouso, já que qualquer intento de mudar sua trajetória, uma vez que ela tenha começado a movimentar-se, vai resultar em que passe por sobre mim, machucando-me. Assim, é necessário tentar captar quando um processo está no começo quase invisível da sua manifestação, para influir nele com o menor gasto energético possível, inclusive com a liberdade de abortá-lo se assim o preferirmos.

O texto citado do Dao De Jing destaca que os momentos adequados para a ação são imediatamente antes da manifestação dos processos, para abortá-los ou ajudá-los a se desenvolver, ou imediatamente antes do fim dos mesmos, para ajudá-los a terminar e influir na sua transformação em outros. Intentar interferir com as coisas entre esses dois momentos vai exigir muita energia, com grandes chances de ver frustrados nossos propósitos.

Devemos salientar que, em geral, essa compulsão para intervir se origina na nossa não aceitação da direção em que o processo está se desenvolvendo por si mesmo. Essa não aceitação nasce, por sua vez, nos nossos desejos de preferir um andamento a outro para o processo em questão, por esse motivo o capítulo LXIV termina dizendo:

*por isso o homem santo
deseja não desejar, não valorizando riquezas difíceis de obter;
aprende a não aprender, retornando de onde as massas erram;
ajuda a natureza imanente de todos os processos, mas sem ousar
interferir.*

Ou, numa outra formulação (Folha de São Paulo, 14/05/2004):



Será que o sábio é um ser com poderes fora do normal? Como ele identifica as sementes das miríades de processos que se manifestam no mundo? Será que terá que desenvolver uma visão “especial”, “aguçada”, à la Super-homem, que lhe permita ver o que está começando a se desenvolver ao seu redor? Não, ele simplesmente olha para si.

Assim, o sábio chinês procura dentro de si a semente de uma emoção, que nada mais é do que a contrapartida interna à semente que está começando a manifestar-se no âmbito externo. Para identificar essas sementes, o Oriente desenvolveu múltiplas técnicas, das quais podemos destacar, a título de exemplo, a meditação, zen ou outras, e a consulta ao Yi Jing.

Na meditação zen a pessoa senta em posição confortável olhando a parede, com o objetivo de diminuir ao máximo os estímulos do ambiente (sons, imagens, etc.) e internos (formigamentos, equilíbrio do corpo, etc.). À continuação tenta liberar sua mente dos pensamentos que se originam espontaneamente nela (quer dizer, não lhes presta atenção à medida que aparecem, evitando acompanhá-los de forma consciente). Podemos observar uma das armadilhas próprias das palavras: no Ocidente chamamos a esse processo de ‘meditação’, mas é uma palavra que gera grandes erros e confusões⁴. A palavra ‘meditação’ e suas correlatas têm a conotação de uma intensa atividade mental e isto é EXATAMENTE O QUE DEVE SER EVITADO. A palavra mais adequada é exatamente aquela que é apresentada como

⁴ **Meditação:** “Ato ou efeito de meditar; concentração intensa do espírito; reflexão; oração mental, que consiste, sobretudo, em considerações e processos mentais discursivos, e que se opõe à contemplação”. **Meditar:** “Submeter a um exame interior; pensar em; estudar, ponderar, considerar; projetar, intentar, planejar, planejar; fazer meditação; refletir, pensar”. **Reflexão:** “Volta da consciência, do espírito, sobre si mesmo, para examinar o seu próprio conteúdo por meio do entendimento, da razão; cisma, meditação; contemplação; consideração atenta; prudência, tino, discernimento; ponderação, observação, reparo”.

oposta a ‘meditação’: ‘**contemplação**’⁵. Há nesta palavra certa conotação passiva por parte de quem está contemplando. Quem contempla parece esvaziar-se de si mesmo, deixando-se invadir por aquilo que é contemplado sem impor-lhe condicionantes racionais, conceituais nem, muito menos, discursivos. Claro, no zen não estamos contemplando uma paisagem ou pintura (estamos de frente a uma parede e num ambiente com pouca iluminação) nem se trata de ‘contemplar’ uma sinfonia (estamos em um ambiente silencioso). No entanto, trata-se de tudo isso e de algo mais: deixar a mente contemplar tudo o que acontece ao redor de, e internamente a, quem contempla; contemplação feita sem recorrer a um discurso interior que descreva aquilo que está sendo contemplado.

Quem medita (ai! não dá para fugir da palavra que o uso institucionalizou, apesar de referenciar algo completamente diferente) está, então, em condições de exercer o que se chama de ‘atenção plena’, quando a mente fica em condições favoráveis para perceber o nascedouro das emoções. Noutras palavras, fica sensível àquilo que está sentindo (*qíng*). Uma vez detectada uma emoção, o passo seguinte é identificar o que foi que a disparou e, *voilà*, eis aqui revelada a semente externa, localizada “fora de mim” e que está começando a manifestar-se. Aqui vem o grande e efetivo exercício da liberdade: será que quero continuar com essa combinação de circunstância e emoção? Caso negativo, é muito fácil abortá-los nesse momento ou, caso positivo, muito mais eficaz apoiá-los no seu desenvolvimento.

Parece fácil? Não é! Requer muita prática e um tipo particular de ‘esforço’: o de não se esforçar. Por que é tão difícil? Porque é fato que não conseguimos controlar nossos pensamentos, eles surgem e se desenrolam independentes da nossa vontade de focalizá-los num determinado assunto, quanto mais se este está no nascedouro. Considerando que o cérebro da espécie “homo” tem se desenvolvido por pouco mais de um milhão de anos, quantidade pequeníssima pelos padrões cosmológicos e biológicos, podemos fazer a analogia com um filhote de ave que está aprendendo a voar. Ele tem todos os músculos e ossos necessários, mas deve aprender a utilizá-los; agita as asas com força, mas descontroladamente, até aprender a efetuar os movimentos leves e majestosos que levam uma ave adulta a voar pelos céus.

No que respeita ao Yi Jing, como veremos mais adiante, o consulente formula uma pergunta sobre um assunto que o preocupa, consulta o livro mediante um processo aleatório determinado e obtém uma resposta à sua pergunta. A resposta está formulada na forma de imagens e textos (que por sua vez remetem a outras imagens) e são essas imagens e textos os que despertam em nós *qíng*, emoções a ser identificadas e que se correspondem às circunstâncias externas que estão na base da consulta. Parece esotérico demais? Pode ser, mas quem tentou honestamente percebe que funciona, ainda que não possa dizer o porquê.⁶

⁵ **Contemplação:** “Aplicação demorada e absorta da vista e do espírito; meditação profunda; consideração, deferência. Rel.: conhecimento de Deus e das realidades divinas não por vias e métodos discursivos e, sim, pela vivência”.

⁶ Quem leu (ou tentou ler) “O universo numa casca de noz”, onde o conceituado físico inglês Stephen Hawking tenta esclarecer a visão que a física contemporânea tem sobre o Universo, pode testemunhar que inclusive um respeitável texto científico pode parecer extraordinariamente ‘esotérico’ e deve recorrer também a imagens para conseguir comunicar-se com o leitor. Por sinal, a ciência possui três restrições fundamentais, desvendadas no séc. XX, que

Então, como agir perante as mudanças? Quando falta a referência externa, quando as mudanças se nos impõem, o caminho é nos orientarmos para nós mesmos, procurar no nosso interior os referenciais que possam guiar essa nossa conduta, poupando e administrando melhor nossas energias para poder navegar no meio dessas mudanças.

No capítulo XIII do Zhuangzi encontramos o seguinte diálogo sobre a ação correta:

“Yáo perguntou: Então, o que devo fazer? Shùn respondeu: Agir como o Céu e manifestar tranquilidade, brilhar como o sol e a lua e andar como as quatro estações, parecendo seguir a sequência do dia e da noite, o andar das nuvens e a queda da chuva”.

Noutras palavras, devemos nos deixar levar pelos ritmos da Natureza que agem em cada momento das nossas vidas: não tentar brilhar sempre, aceitando que existem momentos de eclipse; obedecer ao fato de que há hora para tudo (nosso *“tempo para rir e tempo para chorar, tempo para semear e tempo para colher, [...]”*)⁷; movimentar-se sem ruído como as nuvens, mas às vezes soltar raios e trovões como elas; alimentar como a chuva, ainda que provoque esporádicos alagamentos; e, sobretudo: manter a tranquilidade como o Céu, atitude que os epicuristas gregos já tinham chamado de *ataraxia*⁸.

Para isso, devemos separar o que é da gente do que não é:

- Aquilo que está no nosso *dao*, no nosso caminho verdadeiro, daquilo que não o está.
- Separar o que está ou não no nosso quinhão (Jullien, 2005, págs.11-24), ou seja, não gastar energias à toa em coisas que não nos pertencem (mas evitando cair em, ou diferenciando-nos de, o egoísmo)
- Conseguir discriminar entre: o que não é nosso; o que é dispensável; o que é neutro; o que é inevitável; o que é nosso.

Em geral, conseguimos identificar as torneiras que nos alimentam; difícil é perceber os ralos por onde nossa energia se esvai. Isso acontece porque os ralos são

limitam nossa capacidade de explicar as coisas: 1º) o teorema de Gödel: *“dentro de qualquer sistema formal de axiomas, como, por exemplo, a matemática atual, sempre existem questões que não podem ser provadas nem refutadas com base nos axiomas que definem o sistema”* [ou seja: nem a matemática pode explicar tudo]; 2º) o princípio de incerteza de Heisenberg: *“no mundo quântico a presença do observador afeta o fenômeno observado”* [ou seja: nos seus fundamentos, todos os fenômenos tem uma base aleatória]; e 3º) a teoria do Caos: *“é impossível acompanhar a evolução de um sistema determinístico que se torna caótico (ex.: os fenômenos atmosféricos)”* [ou seja, o mundo é complexo demais para explicá-lo em detalhe].

⁷ *“Não é o melhor para os homens que aconteça tudo o que desejam.”* Heráclito.

⁸ *“Não existe estupidez maior do que querer mostrar-se sábio na hora errada, assim como nada é mais ridículo e imprudente do que a prudência inoportuna.”* Erasmo: Elogio da Loucura.

“Refleta o seguinte quando se sentir no auge da ira: a nossa vida é um curto momento, e logo estaremos todos estendidos debaixo da terra.” Marco Aurélio: Meditações.

mais difíceis de modificar: prazeres, rotinas, expectativas, preconceitos, julgamentos, pré..., pré..., etc.

Resumindo, podemos dizer que:

- “*O mundo foi criado em seis dias*”: modelo ocidental que nos impulsiona, como uma cenoura na frente do burro, para uma ação constante visando objetivos pré-estabelecidos que nos parecem auto-evidentes.⁹
- “*O mundo está em constante transformação*”: este modelo faz com que a China seja paciente e deixe que as coisas sigam seus caminhos próprios; isso não significa inação, já que eles podem modificar as condições para obter, mais ou menos, o que almejam; o que significa é que o intelecto não assume o controle dos atos, que se efetuam sem pensar, de forma intuitiva, espontânea.

⁹ Recentemente esse relato da criação literal em seis dias está sendo substituído pela ideia do “design inteligente” segundo a qual Deus planejou o andamento total do Universo antes de pô-lo em marcha. Temos aqui novamente o predomínio, tanto temporal quanto valorativo, do mental perante o prático.